

GPO R 0054

# Garimpos estão desviando 70% do mercúrio importado

Sérgio Adeodato

Quase 70% das 340 toneladas de mercúrio importadas anualmente pelo Brasil, a US\$ 3 bilhões, estão sendo desviadas ilegalmente para os garimpos e acabam sendo despejadas nas águas dos rios da Amazônia, intoxicando os peixes e os habitantes ribeirinhos. A maior parte desse mercúrio, substância que pode ser mortal, é importada por empresas de revenda e chega aos garimpeiros em frascos com rótulo indicando uso odontológico — os dentistas usam o produto para fazer obturações dentárias. Com essa quantidade de mercúrio, os garimpeiros são capazes de produzir cerca de 168 toneladas de ouro por ano, que hoje valem mais de US\$ 2 bilhões, sem qualquer controle por parte do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM).

Os números fazem parte do relatório final dos consultores Rui Hasse e Luiz Edmundo Appel, contratados pelo Centro de Tecnologia Mineral (Cetem) — instituição do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) — para fazer um rigoroso perfil das importações e do destino do mercúrio metálico que circula no Brasil. Apesar da crise financeira do país, que tem diminuído a produção industrial e a compra de insumos, a importação de mercúrio está aumentando continuamente nos últimos cinco anos. Enquanto em 1985 o país importou 180 toneladas, em 1989 o volume subiu para 340 toneladas, segundo dados da Caxex. No ano passado, até novembro, o Brasil importou 217 toneladas de mercúrio.

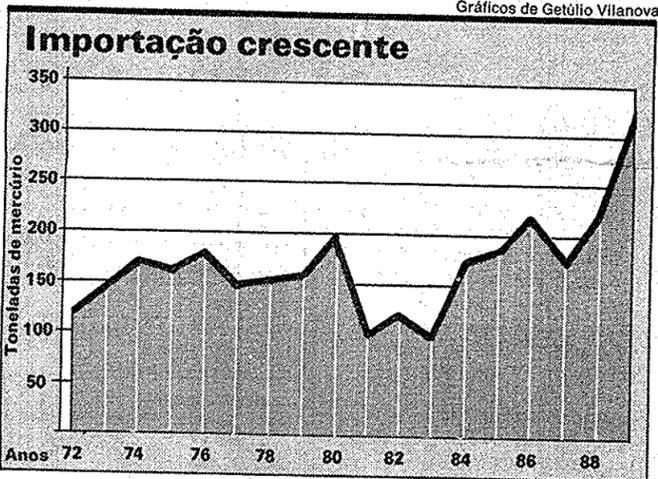
“O produto está chegando facilmente aos garimpeiros”, assegura Appel, desconfiando do brusco aumento do número de empresas revendedoras no mercado nacional, coincidindo com o boom dos garimpos. Apesar da recessão, esse número dobrou a partir de 1984, chegando em 1989 a 70 empresas de revenda, responsáveis pela importação de 266 toneladas de mercúrio, 78% do total. O restante foi importado diretamente pelas indústrias que usam a substância para a fabricação de cloro, soda cáustica, tintas, remédios, pilhas, baterias e outros produtos químicos.

Os consultores estão intrigados com os números que registram o destino desse mercúrio importado pelas revendedoras. Dados da Caxex mostram que, em 1989, as empresas de artigos dentários, as indústrias de cloro-soda e as fábricas de produtos químicos, tintas, aparelhos elétricos e medicamentos importaram 105 toneladas ao todo. “Se a importação total do país foi de 340 toneladas, para onde foram as demais 235 toneladas?”, pergunta Rui Hasse, garantindo que pelo menos 168 toneladas chegaram aos garimpos. Ninguém sabe o destino das 67 toneladas que restaram, com as quais é possível produzir entre 50 e 60 toneladas de ouro. “Estamos extraindo mais ouro do que o governo imagina”, suspeita.



Vidal da Trindade — 12/10/87

Garimpeiros separam ouro com mercúrio barato vendido em lojas de artigos dentários



O uso de mercúrio pelos garimpos foi proibido pelo decreto 97.507, de 13 de fevereiro de 1989. Mas, segundo Hasse, os garimpeiros estão usando mercúrio importado pelas revendedoras, envasados em vidros com rótulo especificando uso odontológico. Para tratar cáries através de obturações, os 75 mil dentistas brasileiros consomem anualmente cerca de 16 toneladas de mercúrio, ao todo. As toneladas que excedem esse limite estão sendo desviadas para o garimpo. “Não usamos tanto mercúrio assim”, diz o dentista Guilherme Mariz, que gasta um vidro de 100 gramas da substância para fazer cerca de 100 obturações por mês. “É muito comum os garimpeiros irem a São Paulo nas sextas-feiras para comprar esse mercúrio importado para uso

em artigos dentários”, arremata Luiz Edmundo Appel.

O relatório *Fontes e Usos de Mercúrio no Brasil*, que acaba de ser publicado pelo Cetem, mostra que, em 1989, foram liberadas no ambiente 210 toneladas de mercúrio. Os garimpos são responsáveis por 80% desta perda, afetando principalmente os rios e a atmosfera da Amazônia. “Não adianta restringir as importações de mercúrio. Se isso ocorrer, os garimpeiros passarão a contrabandear o produto, que hoje entra legalmente no país — o seu destino final é que é irregular”, prevê Appel. “Como o preço do ouro no país é inferior ao do mercado internacional, certamente os garimpeiros estão vendendo o metal em outros países”, adverte.

Para o engenheiro Roberto Villas-Boas, diretor do Cetem, o governo deveria liberar a importação de mercúrio para uso nos garimpos. “Isso significaria maior transparência, para sabermos com exatidão quantas toneladas do metal estão sendo liberadas no ambiente pelos garimpos”, justifica Villas-Boas. “Por ser mais rentável do que os métodos alternativos, o mercúrio é um insumo ainda insubstituível na produção do ouro, atividade econômica que tem um PIB maior do que a agropecuária, na Amazônia. Ao invés de simplesmente proibir o mercúrio — medida que não adiantaria nada —, devemos desenvolver tecnologia para evitar a destruição ambiental causada pela substância”, argumenta.

□ O mercúrio metálico é uma substância química altamente tóxica que faz parte do grupo dos metais pesados. Ao ser queimado no processo de produção de ouro nos garimpos, o mercúrio libera um vapor que, se inalado, pode causar pneumonia aguda e vários problemas no sistema nervoso, podendo matar. O efeito do mercúrio no sistema nervoso é ainda mais grave, se for ingerido pelo indivíduo que comer peixes ou mariscos contaminados. Neste caso, a absorção da substância pelo organismo é maior. Num concentração superior a 100 mililitros por metro cúbico de sangue, em 30 dias o mercúrio começa a provocar tremores e alterações mentais, como ansiedade e depressão. O mercúrio metálico é diferente do mercúrio-cromo, substância muito usada para tratar ferimentos — esse outro tipo é inofensivo.

## Empresas sofrem com roubo

Parte do mercúrio importado pelo país sequer chega às empresas importadoras. É roubada no Porto do Rio de Janeiro e vendida diretamente aos garimpeiros. “Existe uma máfia do mercúrio que atua no momento do desembarque da mercadoria no porto”, denuncia o empresário Carlos Artur Coppo, dono da Wilcos do Brasil, empresa que há mais de 30 anos importa mercúrio para uso odontológico. “Há dois anos nos roubaram 3,4 toneladas de mercúrio”, conta Coppo, advertindo que esse tipo de roubo já é quase rotina no ramo.

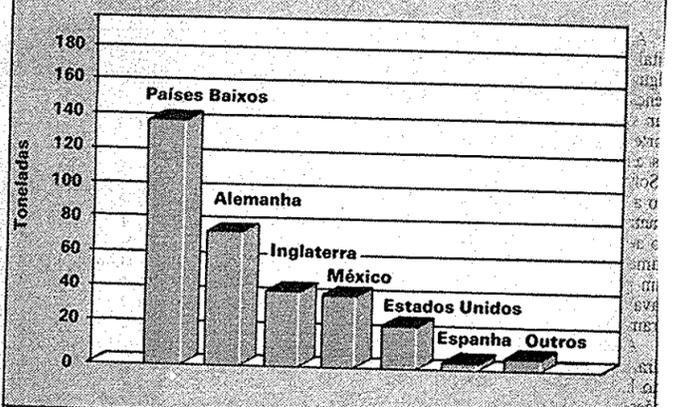
Segundo ele, no mesmo ano, foram roubadas no porto cerca de 17 toneladas compradas por outras empresas, como a Dentária Napoleão, do Rio, que perdeu 1,7 toneladas. “As quadrilhas estão se especializando no roubo de mercúrio e a quantidade que desaparece com certeza vai para os garimpos”, alerta o empresário.

Em outros casos, o mercúrio comprado para os dentistas fazerem obturações dentárias está sendo desviado

para os garimpos, apesar das dificuldades burocráticas impostas há um ano pelo Instituto Nacional de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama), através de portarias que obrigam o cadastramento de todas as empresas que compram o produto. “Pela lei, somente as casas que vendem artigos dentários poderiam comprar mercúrio importado para esses fins, mas as normas não estão sendo respeitadas”, conta Coppo.

A razão para essa irregularidade é simples: enquanto as importadoras pagam Cr\$ 400 por 100 gramas de mercúrio para uso odontológico, nos garimpos o mesmo produto vale até Cr\$ 10 mil, preço 25 vezes maior. “Uma pessoa do interior do Pará chegou a ligar para minha empresa querendo comprar 700 quilos de mercúrio, séfita nota fiscal. Para isso, pagaria um preço até seis vezes maior. Haja dentes para se gastar tanto mercúrio fazendo obturações”, ironiza o empresário, garantindo que recusou a proposta de imediato. (S.A)

## Maiores fornecedores



## Fornecedores são europeus

Os países que mais criticam os problemas ambientais do Brasil são os mesmos que mais vendem para o país o mercúrio usado nos garimpos. Dados obtidos pelos consultores do Cetem mostram que os Países Baixos (principalmente Holanda e Bélgica), Alemanha e Inglaterra são responsáveis por 75% das 340 toneladas de mercúrio importadas anualmente pelo Brasil. Com uma contradição que está intrigando os pesquisadores: nenhum desses países é produtor de mercúrio. “Isso indica que estão fazendo comércio triangular, comprando de países produtores e revendendo para o Brasil”, suspeita Rui Hasse. Até 1984, o México era o principal fornecedor de mercúrio para o Brasil, representando 90% do total importado, com

uma média anual de 134 toneladas. Todo o mercúrio produzido pelo México era vendido para o Brasil. A partir de 1985, coincidindo com o início da febre dos garimpos, a situação se inverteu: mesmo considerando o aumento expressivo da importação de mercúrio pelo Brasil, Alemanha, Inglaterra e Países Baixos roubaram do México a maior fatia desse mercado.

Nos últimos 10 anos, a produção mundial de mercúrio foi de aproximadamente 7 mil toneladas anuais. O maiores produtores mundiais são a União Soviética, responsável por 2.208 toneladas por ano, e a China, que produz 1.035 toneladas. Os dois países dominam 50% da produção mundial. (S.A)

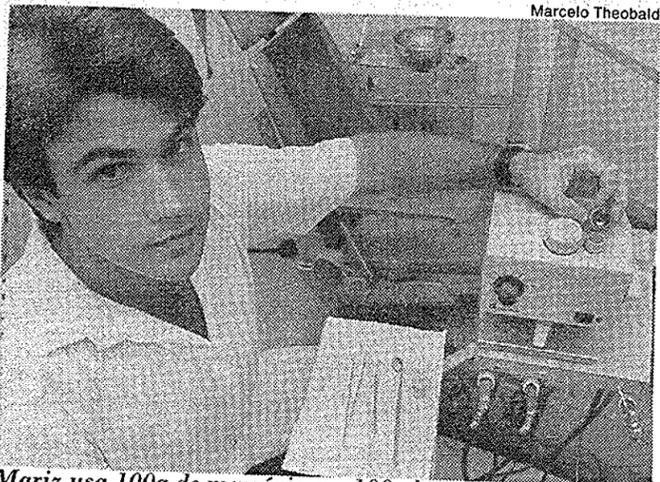
## Alemães ajudam a despoluir

A mesma Alemanha que vende ao Brasil cerca de 70 toneladas anuais de mercúrio, que vão parar nos garimpos, investe atualmente US\$ 138,8 milhões em projetos de preservação das florestas tropicais brasileiras. Além disso, o governo alemão vai desembolsar mais US\$ 25 milhões para um projeto conjunto entre os dois países, com o objetivo de diagnosticar a poluição por metais pesados nos principais rios do Brasil e recuperar as regiões mais degradadas. O mercúrio é um dos metais pesados mais perigosos.

Alemães e brasileiros vão atuar na Amazônia Legal, ameaçada pelo garimpo, e no Sudeste e no Sul, atingidos pelos despejos de poluentes das indústrias. A partir da experiência obtida pelos pesquisadores do Centro de Tecnologia Mineral (Cetem) na recuperação de áreas de garimpo em Poconé, Mato Grosso, os técni-

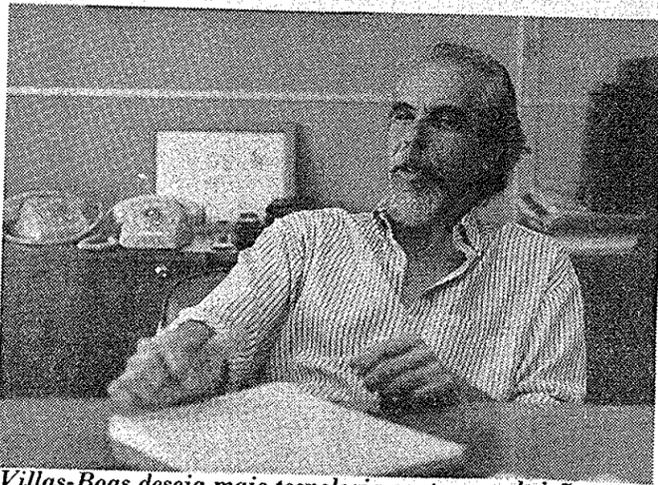
cos alemães vão ajudar a fazer o mesmo na região de Alta Floresta, também em Mato Grosso. Depois, o alvo será a região do Rio Tapajós, em Itaituba, no Sudoeste do Pará.

No Sudeste, o projeto avaliará a poluição do Rio Paraíba do Sul, principalmente nos pontos mais próximos à Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). O mesmo estudo será feito na bacia do Rio Doce, em Minas Gerais, atingida pelos poluentes das indústrias siderúrgicas e de papel e celulose. “A idéia é traçar um mapa colorido indicativo da poluição nos principais rios do país, para que os cientistas e a população possam fiscalizar as ações do governo e das indústrias para diminuir a degradação ambiental”, explica Roberto Villas-Boas, diretor do Cetem. (S.A)



Marcelo Theobald

Mariz usa 100g de mercúrio em 100 obturações por mês



Villas-Boas deseja mais tecnologia contra a poluição